

**TRAJANO E DECÉBALO: um contraste entre o imperador Romano e o rei Dácio nas fontes romanas - literária e material (sécs. II-III d.C.)**

**TRAJAN AND DECEBALUS: a contrast between the Roman emperor and the Dacian king in Roman sources - literary and material (sécs. II-III d.C.)**

Fabiano Germano dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO**

O contato entre diferentes culturas permite que a identidade de uma pessoa ou de uma comunidade seja alterada através de uma análise sobre si e o Outro, portanto, alguns conceitos são atribuídos com a forma que o Outro é caracterizado (AUGÉ, 1998, p. 32). Assim, fundamentado no tema “alteridade”, o objetivo do artigo, é analisar a representação de Trajano (53-117) e Decébalos (87-106) na História Romana e na Coluna de Trajano, com o foco, em especial, para o modo como o imperador Romano e o rei Dácio são exibidos nesses documentos. Para isso, aplicaremos os métodos de Análise do Discurso e das Análises Iconográficas e Iconológicas para expor a documentação textual e material, respectivamente. Portanto, a hipótese do trabalho é que Trajano e Decébalos são apresentados de forma distintas nas cenas da Coluna de Trajano e na historiografia de Diano Cássio (163-235), pois enquanto o historiador enaltece suas qualidades e virtudes, especialmente elogiando o Rei Dácio, a fonte material prioriza as retratações insultuosas, ou seja, inferiorizando a Decébalos.

**Palavras-Chave:** Alteridade. Trajano. Decébalos. Coluna de Trajano. Guerras Dácicas.

**ABSTRACT**

The contact between different cultures allows the identity of a person or a community to be changed through an analysis of themselves and the Other, therefore, some concepts are attributed with the way the Other is characterized (AUGÉ, 1998, p. 32). Thus, based on the theme “alterity”, the objective of the article is to analyze the representation of Trajan (53-117) and Decebalus (87-106) in Roman History and in Trajan’s Column, with a special focus on the way in which the Roman emperor and the Dacian king are displayed in these documents. For this, we will apply the methods of Discourse Analysis and Iconographic and Iconological analyzes to analyze the textual and material documentation, respectively. Therefore, the hypothesis of the work is that Trajan and Decebalus are presented differently in the scenes of Trajan’s Column and in Cassius Dio’s (163-235) historiography, whereas the historian praises their qualities and virtues, especially praising the Dacian king, the material source prioritizes retractions insulting, that is, inferiorizing Decebalus.

**Keywords:** Alterity. Trajan. Decebalus. Trajan’s Column. Dacian Wars.

**INTRODUÇÃO**

Uma das possibilidades para melhorar a situação financeira do Império Romano, no século II d.C., era investir na expansão de suas fronteiras, já que isso poderia providenciar espólios de guerra consideráveis. Sendo assim, no início deste século, Trajano (98-117)

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro do LHIA-UFRJ (Laboratório de História Antiga). E-mail: [fabiano.germano@outlook.com](mailto:fabiano.germano@outlook.com)

mobilizou dois conflitos contra a Dácia, do rei Decébalos (87-106), que ficaram conhecidos como as Guerras Dácicas: Primeira Guerra Dácica (101-102) e Segunda Guerra Dácica (105-106). Segundo Deivid Gaia, a ofensiva romana no território Dácio era significativa para recuperar a economia de Roma, visto que a Dácia poderia proporcionar uma grande quantidade de metais preciosos, pois a região Cárpatas era abundante em minas de ouro (GAIA, 2020).

Dessa forma, o recorte deste trabalho está inserido no contexto dessas guerras, no entanto, não se limitará a descrever apenas esses eventos, mas buscará problematizar documentos literários e materiais que retratem os confrontos mencionados, concentrando-se na forma como o triunfo de Trajano na Dácia foi representado. Todavia, é imprescindível analisar, especificamente, o que provocou os dois conflitos, entre romanos e dácios (101-102 e 105-106). Em vista disso, investigaremos a apresentação deste *Princeps* romano e do referido rei Dácio na produção historiográfica de Dião Cássio (163-235), *História Romana*, e nas representações imagéticas da *Coluna de Trajano*, que foi um monumento erigido a mando do Senado romano em homenagem a Trajano pela vitória sobre Decébalos (ROSSI, 2012, p. 14).

Pertinente a isto, Roma e Dácia disputavam o controle da costa ocidental do Mar Negro desde o século I a.C. (MOLINA, 2016, p. 25). Contudo, após outros embates durante o século I d.C., ambos Estados liderados por Decébalos e Domiciano (81-96) fizeram um acordo para selar a paz durante o Principado deste imperador Romano (Cass. *Hist. Rom.* 67. 7. 2-3). Entretanto, quando Trajano ascendeu ao trono e pôs em prática a política financeira iniciada por Nerva (96-98) – cortando gastos a fim de salvar a economia de Roma – percebeu que o pacto feito por Domiciano era danoso à economia romana, dado que os romanos tributavam os dácios anualmente. Além disso, quanto mais a Dácia se desenvolvia, mais ameaçadora se tornava para Roma e isso fez com que Trajano marchasse contra Decébalos, dando início a Primeira Guerra Dácica (101-102) (Cass. *Hist. Rom.* 68. 6. 2).

Já a Segunda Guerra Dácica (105-106) aconteceu devido ao acordo, feito entre Trajano e Decébalos, em 102, ter sido quebrado inúmeras vezes pelo rei Dácio, uma vez que o presente tratado limitava o crescimento da Dácia e também prejudicava sua economia, situação bem diferente de quando Decébalos impôs suas exigências ao pacto feito com Domiciano. Deste modo, Decébalos ignorou os termos que o Senado romano e Trajano impuseram e passou a realizar tudo o que não era permitido, como: reparar os fortes do seu território, recrutar aliados, coletar armas e receber desertores. Por consequência, de acordo com a narrativa que autores, como Dião Cássio, fizeram dos eventos, a postura de Decébalos levou o Senado a reconhecê-lo,

mais uma vez, como inimigo e o imperador Romano a empreender mais uma investida na Dácia (Cass. *Hist. Rom.* 68. 10. 3-4).

Concernente aos relatos acima, é interessante ressaltar que as Guerras Dácicas (101-106) produziram alguns documentos no decorrer da Antiguidade, sendo eles de natureza literária e material, que testemunham o triunfo de Roma sobre a Dácia. Logo, a *Coluna de Trajano* e a *História Romana*, especialmente o livro LXVIII, serão analisadas com o intuito de compreendermos como o rei Decébalos foi retratado nas mencionadas fontes em comparação com Trajano, ou seja, a partir de concepções que o apresentavam como o *Outro*. No entanto, é importante destacar que esses documentos foram produzidos em território romano a partir da descrição do vencedor.

Nessa perspectiva, Maria da Glória Portal ratifica que existe um consenso no meio acadêmico de que é preciso estudar a Coluna tanto como as fontes literárias, até mesmo para compreender a relação entre romanos e dácios (PORTAL, 1967, p. 329). Pertinente a isto, estudiosos do século XIX e do início do XX, como Conrad Cichorius (CICHORIUS, 1896) e Salomon Reinach (REINACH, 1886, p. 36), concordavam que a Coluna de Trajano possuía um valor bastante considerável como fonte histórica e sua narrativa era indiscutível; já na primeira década do século XX, tal assunto se tornou mais discutido por autores como E. Strong (STRONG, 1926) e Lehmann-Hartleben (LEHMANN, 1926), pois defendiam que para estudar as Guerras Dácicas na Coluna, seria necessário a contribuição de outras fontes, como as escritas, visto que esse monumento contém informações escassas e selecionadas. Logo, este trabalho busca amplificar uma discussão a respeito dos soberanos nos dois tipos de fontes, com a finalidade de pontuar semelhanças e diferenças que sejam consideráveis.

Ademais, a pesquisa está estabelecida no campo da História Cultural e é apoiada no tema “alteridade”, além disso, tem como objeto a retratação de Trajano e de Decébalos na *Coluna de Trajano* e na *História Romana* que se referem aos séculos II e III d.C., respectivamente. Assim, ao utilizarmos documentos de naturezas diferentes, tanto material quanto literário, um dos nossos objetivos é contrastá-los para diferenciar as representações de Trajano e Decébalos, pois apesar de essas fontes terem o mesmo propósito, suas narrativas são diferentes. Para isso, o nosso aparato metodológico se baseia nas obras: *Análise do Discurso: princípios & procedimentos*, de Eni P. Orlandi (ORLANDI, 1999) e *O significado nas artes visuais*, de Erwin Panofsky (1892-1968), especialmente o capítulo 1 “Iconografia e Iconologia” (PANOFSKY, 1989).

Apesar de os documentos abordados diferirem em característica, contexto e elaboração, eles possuem algo em comum, divulgam o êxito de Trajano sobre Decébalos, seja a partir da historiografia romana, como no trabalho de Dião Cássio, ou na propaganda ocorrida pelo *Princeps* de si mesmo nas representações imagéticas da Coluna. Destarte, já que faremos uma discussão sobre os personagens supracitados, mobilizaremos a perspectiva teórica do etnólogo e sociólogo Marc Augé, visto que seu estudo de alteridade *La guerra de los sueños: ejercicios de etno-ficción* (AUGÉ, 1998) pode colaborar para pensarmos sobre a ideia de alteridade idealizada, na Antiguidade, com relação ao rei Dácio.

Para Augé, a alteridade é um constructo fundamentado, constantemente, no contato entre culturas diferentes, dado que o contato muda a afirmação identitária de grupos em relação a outros (AUGÉ, 1998, p. 17). Deste modo, compreendemos que o diálogo entre Roma e Dácia possibilitou uma atribuição de valores, tantos positivos quanto negativos, nas fontes que louvam o triunfo do imperador Romano sobre Decébalos, sendo que essas valorações foram consideráveis para que os romanos reorientassem suas próprias características face à alteridade dácica.

Ademais, o sociólogo afirma que alguns recursos são utilizados pelo antropólogo para desenvolver sua pesquisa e fundamentar sua hipótese. Para isso, é interessante pontuar que a tradição etnográfica ocidental tem se utilizado muito das imagens, quer de outros povos, ou até mesmo de sonhos e alucinações, para que seja possível compreender a forma que essas imagens assumiram seu sentido nos sistemas simbólicos compartilhados, tal como elas foram reproduzidas e também alteradas pela atividade ritual (AUGÉ, 1998, p. 17). Além disso, a antropologia aderiu o estudo do imaginário individual, em concordância com imagens coletivas, quer na elaboração dessas imagens, quer na produção de objetos que eram considerados produtores de imagens e também do vínculo social (AUGÉ, 1998, p. 18). Portanto, isso fez com que Augé centralizasse sua pesquisa no tema alteridade, já que ele argumenta que um povo sempre tem um pensamento a respeito do outro:

a questão da alteridade é central aqui e sempre foi para a antropologia, só que hoje ela pode ser dividida de forma mais clara: de fato, o antropólogo deve identificar os outros (aqueles que ele estuda) e se perguntar sobre sua relação com a alteridade, no modo como eles próprios concebem a sua relação com os outros, próximos e distantes. Os termos dessa dupla tarefa mudaram: nem a identificação dos "outros" a serem estudados

nem as concepções do outro que prevalecem nas sociedades contemporâneas são o que eram no início deste século (AUGÉ, 1998, p. 24-25. Nossa tradução)<sup>2</sup>.

Nesse sentido, a principal hipótese do artigo é que na *História Romana*, de Dião Cássio, Decébalos e os dácios são apresentados de forma hábil e agressiva e isso contrasta com a forma que são exibidos nas fontes materiais, ou seja, desqualificados e derrotados. Ao comparar esses dois tipos de documentos, veremos que eles evidenciam uma concordância no que se refere a imagem de Trajano, todavia, essas fontes se contrapõem a respeito da imagem de Decébalos. Isso porque a *História Romana*, apesar de enfatizar as competências militares de Decébalos, simultaneamente, enaltece as qualidades e habilidades de Trajano, uma vez que especifica sua aceitação em Roma diante o Império e também sua anexação da Dácia. Já o documento material inclina-se a menosprezar o rei dácio, devido ao fato de a *Coluna de Trajano* o exibir como covarde.

## **O PRINCEPS ROMANO E O SOBERANO DÁCIO NAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS**

A nossa fonte material será a *Coluna de Trajano*, por oferecer tamanha complexidade de detalhes, Rossi argumenta que tem sido o documento arqueológico mais estudado sobre os eventos supracitados (ROSSI, 2012, p. 1). Deste modo, para que ela pudesse ficar da forma desejada do imperador, a Coluna demorou sete anos para ser concluída (106-113) pelo arquiteto Apolodoro de Damasco (50-130), contudo, é considerada a construção mais conhecida deste imperador (ROSSI, 2012, p. 14).

A exigência de Trajano para ter um monumento de tamanho esplendor, se dá pelo fato de ele servir como um memorial de seu governo, visto que narraria sua vitória sobre Decébalos e sua anexação da Dácia. Segundo Dião Cássio, “e ele montou no Fórum [de Trajano] uma enorme coluna, para servir ao mesmo tempo como um monumento a si mesmo e como um memorial de seu trabalho no Fórum” (Cass. *Hist. Rom.* 68. 16. 3. Nossa tradução)<sup>3</sup>. Assim, a

---

<sup>2</sup> La cuestión de la alteridad es aquí central y siempre lo ha sido para la antropología, sólo que hoy se deja dividir más netamente: en efecto, el antropólogo debe identificar a los otros (aquellos que estudia) e interrogarse sobre la relación de ellos con la alteridad, sobre la manera en que ellos mismos conciben su relación con los otros, cercanos y lejanos. Los términos de esta doble tarea han cambiado: ni la identificación de los “otros” que había que estudiar ni las concepciones del otro imperantes en las sociedades contemporáneas son las que eran al comienzo de este siglo (AUGÉ, 1998, p. 24-25).

<sup>3</sup> And he set up in the Forum an enormous column, to serve at once as a monument to himself and as a memorial of his work in the Forum. For that entire section had been hilly and he had cut it down for a distance equal to the

Coluna foi erigida em um espaço urbano também arquitetado de acordo com a vontade do *Princeps*, desse modo, ela pode ser pensada como um memorial que vai além de relatar as façanhas de Trajano na Dácia, mas, também, como um material que possui uma utilidade didática em si. Ou seja, ensinando aos que passassem por ela, e também as gerações futuras, o êxito que Trajano e as legiões romanas tiveram sobre os inimigos dácios, projetados nas cenas como bárbaros no sentido pejorativo. Assim, esse monumento se tornou um dos documentos materiais mais simbólicos sobre as Guerras Dácicas de Trajano e, por consequência, em relação aos dácios (BOARDMAN; GRIFFIN; MURRAY, 2001).

Nesse sentido, é imprescindível que a Coluna seja analisada, mesmo que breve, de forma mais detalhada para que o leitor conheça não somente o conteúdo inserido em seu corpo, mas, também, suas dimensões que ajudam a enobrecer seu propósito. Dessa forma, segundo Lancaster, “a Coluna era parte do complexo e monumental fórum construído por Trajano (106-113 d.C.). Ela está localizada ao norte da Basílica Úlpia entre as salas leste e oeste da Biblioteca Úlpia e está cercada por um pátio em três lados por pórticos” (LANCASTER, 1999, p. 419). Apesar da boa localização deste monumento, inserido no Fórum de Trajano, sua ornamentação chamava bastante a atenção, visto que era considerada uma *Columna Cochlis*, isto é, uma Coluna que possuía um friso decorativo, em seu exterior e uma escada em forma espiral no seu interior (COARELLI, 2000). No topo, é possível identificar vinte e quatro flautas de ordem dórica, que estão instaladas abaixo do capitel, já em seu corpo existem quarenta janelas pequenas para iluminar a parte interna e sua base possui um formato retangular, também considerado um pedestal, visto que seu eixo está sobre um apoio (MARTINES, 1980).

A Coluna é constituída por números consideráveis, já que sua altura, somando base, plinto, eixo e capitel, equivale a vinte e nove metros e setenta e oito centímetros. Ademais, ainda possui mais oito metros que pertencem ao pedestal que a sustenta (ROSSI, 2012). O eixo contém vinte cilindros de mármore de Carrara, que era um material nobre que provinha do norte da Península Itálica. Esses cilindros eram conectados por grampos, que eram feitos de liga de ferro ou até mesmo com cobre que misturado com chumbo ficavam presos à Coluna (MARTINES, 2000). Além disso, cada um deles dispõe de quarenta toneladas, com quatro

---

height of the column, thus making the Forum level (Cass. *Hist. Rom.* 68. 16. 3. Tradução de Earnest Cary). Todas as citações diretas pertencentes à *História Romana*, de Dião Cássio, sobretudo os livros 67 e 68, neste artigo, são baseadas na tradução do Prof. Dr. Earnest Cary a partir do grego para o inglês, pela edição *The Loeb Classical Library*.

metros de diâmetro, tendo cento e noventa metros de frisos que giram o eixo vinte e três vezes (MARIN; PORTER, 2001). Contudo, este monumento sofreu algumas alterações ao longo do tempo, a saber, em 1588, quando o Papa Sisto V (1521-1590) substituiu a estátua de bronze de Trajano pela estátua de São Pedro (COARELLI, 2000).

Para que seja feita uma análise da Coluna, o trabalho utilizará a coleção de fotos de Roger Ulrich (ULRICH, 2013) e, ainda, se apoiará no Sistema Cichorius, a fim de identificar as numerações corretas das cenas. Com isso, como já dito anteriormente, a metodologia aplicada no estudo desta fonte será o método iconográfico e iconológico de Panofsky, que é dividido em três categorias ou níveis de significado: 1 – Nível Pré-Iconográfico, 2 – Nível Iconográfico, 3 – Nível Iconológico (PANOFSKY, 1989). Ele se baseia no método convergente e multidisciplinar de Abraham Warburg (1866-1929), seu mestre, a fim de efetuar um estudo total da obra de arte, também de seu contexto histórico, para que seja possível ir além de uma descrição apenas estética, como é o propósito da Iconografia (CASIMIRO, 2016).

Para o historiador da arte, “a iconografia é, portanto, a descrição e classificação das imagens, assim como a etnografia é a descrição e classificação das raças humanas” (PANOFSKY, 1989, p. 53), isto é, o estudo que engloba a descrição técnica dos recursos que compõem uma obra, considerando sua origem, estilos, datações, tipos e mais. Já a iconologia é “um método de interpretação que advém da síntese mais que da análise. Logo, como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também é a exata análise das imagens” (PANOFSKY, 1989, p. 20), ou seja, tal como estudo do significado e sentido simbólico dos materiais analisados, a partir dos trabalhos de certo artista e seu contexto histórico.

Nesse sentido, Panofsky utiliza de uma cena para contextualizar melhor seu método iconográfico e iconológico, assim, ele exemplifica um homem ao levantar o chapéu de sua cabeça. Baseado nisso, no primeiro momento, o autor considera como método iconográfico a descrição da cena e o detalhamento do movimento que o personagem faz, ao retirar da cabeça o seu chapéu; no segundo momento, o movimento realizado pelo personagem está associado ao gesto de cumprimento do ambiente cavalheiresco medieval (PANOFSKY, 1989).

Pertinente a isto, Panofsky classifica como significado fatural o fácil reconhecimento de algumas formas visíveis, com certos objetos, e a compreensão adquirida na prática, que está relacionada ao reconhecimento da mudança das relações baseadas em outros fatores (ações ou fatos). Logo, no exemplo do homem que retira seu chapéu, o autor disserta que as informações

identificadas proporcionarão uma reação segundo a ação de seu conhecido, sendo contextualmente possível discernir se os sentimentos expressos a seu respeito são de amizade, indiferença ou hostilidade. Essas reações farão com que o gesto de seu conhecido seja apontado como significado expressional, ao passo que se diferencia do fatural pelo fato de ser entendido por empatia e a leitura de inúmeras expressões momentâneas. Portanto, o significado fatural e o expressional – tema primário – podem se classificar juntos, isto é, formando a classe dos significados primários ou naturais (PANOFSKY, 1989).

Segundo o historiador da arte, “quando interpreto o fato de tirar o chapéu como uma saudação polida, reconheço nele um significado que pode ser chamado de secundário ou convencional” (PANOFSKY, 1989, p. 49), ou seja, este significado se diferencia do primário ou natural por duas razões: por ser entendível e não sensível e por ter sido verificado ao ato prático por qual é disseminado. Ainda há um terceiro significado, o intrínseco ou conteúdo, que “é apreendido pela determinação daqueles princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personalidade e condensados numa obra” (PANOFSKY, 1989, p. 52).

Primeira batalha da Primeira Guerra Dácica (101-102 d.C.).



Foto de Roger B. Ulrich, de 2016.

A imagem destacada acima será a primeira cena a ser analisada. Ela é referenciada como cena 24 no Sistema de Cichorius. Assim, a cena publicada reflete a primeira batalha entre os exércitos de Trajano e Decébalos, uma vez que Trajano aparece no canto esquerdo, representado,

em tamanho maior do que os soldados próximos a ele, e está portando apenas a indumentária militar, sem capacete. Além disso, militares romanos mostram algumas cabeças de guerreiros dácios a Trajano. No canto direito da cena, escondido entre as árvores, está Decébalos, observando de longe seu exército atuando no campo de batalha, sofrendo diante os romanos (ULRICH, 2013).

A cena ratifica um considerável ponto de dissonância entre os documentos trabalhados. Visto que é possível comparar a representação de Decébalos neste episódio com a descrição que é feita sobre ele, posteriormente, na *História Romana* de Cássio, onde o rei Dácio é enfatizado como um monarca estrategista, destemido e experiente em assuntos militares. No entanto, nas cenas da Coluna, ele aparece como um líder medroso que não ousa enfrentar o poderio romano, sobretudo, o imperador Trajano que, ao contrário do rei Dácio, está no campo de batalha, ao lado de seus soldados. Nesse sentido, baseado na análise iconográfica, é possível identificar os soberanos na cena, uma vez que suas vestes, soldados romanos oferecem cabeças de guerreiros dácios a Trajano e Decébalos, acompanhado de dois homens e sua comitiva, observa a batalha escondido no meio das árvores. Portanto, a finalidade de ambos governantes estarem nessas posições remete ao propósito da Coluna, em contrastar a imagem de Trajano com a de Decébalos destacando o *Princeps* romano como líder corajoso e o rei dácio como covarde.

Decébalos observa a guerra. Segunda Guerra Dácica (105-106 d.C.).



Foto de Roger B. Ulrich, de 2011.

Após isso, a imagem acima engloba dois episódios que são enumerados como 134 e 135 no Sistema de Cichorius. Ela é bem parecida com a cena estudada anteriormente, pois visa demonstrar Decébalos escondido em meio às árvores enquanto seus guerreiros enfrentam os romanos. Ao seu lado, é possível identificar dois oficiais de sua corte, pois ambos estão de barretes e isso mostra que são da alta sociedade da Dácia (*Cass. Hist. Rom.* 68. 9. 1). A maneira como Decébalos é aqui retratado, certifica que sua representação ao longo da Coluna é totalmente oposta ao que Cássio narra, pois poderíamos até pensar que tanto a cena anterior, quanto esta, são as mesmas, contudo, a finalidade do monumento é realmente vender uma imagem do rei dácio como medroso, que durante toda a guerra só fez em fugir e se esconder dos romanos, sobretudo, de Trajano. Além disso, o rei Dácio, de longe, com o braço direito dobrado e a mão esquerda na cintura, parece que, sem saber o que fazer, observa os dácios atacarem um forte romano, mas sem sucesso. Portanto, ao recorrer ao método iconográfico, percebemos que a cena acima integra a Decébalos, oficiais de sua corte e guerreiros dácios batalhando contra os romanos. Isso porque o rei Dácio permanece escondido entre as árvores, observando de longe, à frente de dois oficiais que fazem sua proteção, é possível observar que um deles segura um escudo. Já a iconologia é aplicada quando sabemos que os barretes

utilizados por Decébalos e seus oficiais pertencem a Alta sociedade dálica, ou seja, um acessório que difere a posição social na Dácia.

Tentando capturar Decébalos. Segunda Guerra Dálica (105-106 d.C.).



Foto de Roger B. Ulrich, de 2011.

Por fim, analisaremos a cena 145 do Sistema de Cichorius. Ela retrata os soldados romanos tentando capturar Decébalos ainda vivo. Além disso, se observarmos bem o ambiente em que isso ocorre, entre as árvores, isto é, no lugar mais seguro para o rei Dácio no período das Guerras Dálicas (101-106). É importante destacar que Decébalos é retratado escondido nesse local pelo fato de que a Dácia foi apresentada, na Coluna, como uma região que possuía densas florestas, isto é, um território selvagem que servia de esconderijo ao rei Dácio, por isso Roger Ulrich ressalta esse fato nas cenas 15, 23 e 24 (ULRICH, 2013). Ademais, um soldado romano, que integra a cavalaria, faz um movimento para segurar Decébalos enquanto ele se esquiva e, apoiado com seu joelho esquerdo no chão, olha para o romano antes de realizar sua última ação em vida. Na sua mão direita há uma pequena faca, arma utilizada pelo rei para cometer suicídio, isto é a única coisa que corrobora com a narrativa de Cássio em relação à representação deste rei. Contudo, ao empreender a sua própria morte, Decébalos fortalece a ideia de que não seria páreo para enfrentar um governante romano. Dessa forma, a iconografia está presente na identificação dos itens e personagens na imagem, já a iconologia, na interpretação

do movimento de Decébalos ser associado a um suicídio por estar armado com uma faca, já que estava fugindo dos romanos para não ser capturado, e ao ser encontrado por eles utilizou o que estava em seu alcance para se matar.

## **DECÉBALO NOS ESCRITOS DE CÁSSIO: UM ADVERSÁRIO DIGNO DE ROMA**

Assim como é sabido que a *História Romana* é a fonte literária que integra o *corpus* do presente artigo, especialmente o livro LXVIII, se torna indispensável discorrer sobre a elaboração desta obra. Nesse sentido, a referida historiografia romana, é a principal coletânea de Cássio, que inicialmente era composta por oitenta livros, escritos no decorrer de mais de duas décadas. No entanto, apesar de ser o único trabalho extenso do historiador, que chegou até o nosso tempo, alguns volumes estão bem fragmentados (ESTEVEES, 2019, p. 199). Todavia, o livro LXVIII permanece inteiro e descreve detalhadamente a ascensão de Trajano ao trono e os dois conflitos deste *princeps* com a Dácia (101-102 e 105-106).

Segundo Cássio: “reuni todos os feitos dos romanos, desde os primórdios até o desaparecimento de Severo, levando dez anos; e escrevi em outros doze anos” (Cass. *Hist. Rom.* 73. 23. 5. Nossa tradução)<sup>4</sup>. É possível perceber que ele se comprometeu em desenvolver seu principal trabalho com muito cuidado e dedicação. No entanto, há uma discussão quanto aos doze anos que Cássio levou para elaborar essa historiografia, pois devido ao fato de não mencionar quando isso aconteceu, abriu espaços para debates contemporâneos no meio acadêmico. De acordo com Anderson Esteves, há três correntes a respeito do período em que teria ocorrido a produção literária de Cássio: primeira (194 a 216, 196 a 218 e 197 a 219 d.C.), segunda (211 a 233 e 212 a 234) e terceira (201 a 223) (ESTEVEES, 2019, p. 199). Dessa maneira, este trabalho se apoia na segunda corrente (211-233), pois é a mais coerente com a narrativa de Cássio, dado que o historiador não reprovaria o Principado de Severo (193-211) – que teve seu apoio no início – e, logo depois, o de seu filho Caracala (211-217) com tamanha petulância no tempo em que esses controlavam o Império Romano (Cass. *Hist. Rom.* 72 [71]. 36. 4). Esta corrente também foi defendida por Molin como 211-221 ter sido o período da coleta dos documentos, e 221-233 os anos que ele levou para escrever a obra (MOLIN, 2016).

---

<sup>4</sup> I collected all the deeds of the Romans, from the beginning until the disappearance of Severus, taking ten years; and wrote in another twelve years (Cass. *Hist. Rom.* 73. 23. 5. Trad. Earnest Cary).

Para analisarmos criticamente os discursos de Dião Cássio, na *História Romana*, aplicaremos a Análise de Discurso (AD) desenvolvida por Orlandi em sua obra já supracitada, visto que objetivamos fundamentar os nossos argumentos em suas reflexões. Segundo Orlandi, a AD surgiu de uma pluralidade de interpretação, pois os receptores de mensagens comunicadas podem atribuir significados diferentes a elas e, ainda, transformá-las durante inúmeras épocas, quer por sentidos, quer por autores distintos, assim, tornando-as polissêmicas. De acordo com a linguista, a AD trata literalmente do discurso que é uma palavra em movimento, prática de linguagem, ou seja, através do estudo do discurso, nota-se o homem falando. Além do mais, ela constitui a linguagem como mediação, que é o discurso primordial entre o homem e a realidade natural e social (ORLANDI, 1999, p. 15). Portanto, esses pressupostos são concepções cruciais para nossa análise, uma vez que os discursos de Dião Cássio são frutos de um trabalho social, constitutivo de uma identidade e história.

A linguista ressalta que a intermediação comunicativa além de compreender a permanência e a continuidade, também engloba o deslocamento e a transformação do homem e da realidade que ele está inserido (ORLANDI, 1999). Destarte, a AD se interessa pelos modos e procedimentos que o texto apresenta a fim de entender o discurso como uma “produção” social de sentidos que resulta ao longo da história, e não somente um estudo monolítico do texto, ou do sentido do discurso (ALÓS, 2012). Conforme Anselmo Alós, Orlandi “não pensa a língua como um sistema abstrato e formal, nem o sujeito como a fonte dos sentidos. Os sentidos não são produzidos pelo sujeito, mas sim em outro lugar, anterior e externo a ele” (ALÓS, 2012, p. 392). Baseado nisso, ele afirma que a autora considera avaliar em seus estudos a ideologia evidenciada na língua e a maneira que a linguagem é materializada na ideologia. Sendo assim, Orlandi define que a ideia de ideologia é deslocada, melhor dizendo, ela é interpretada alicerçada de uma definição discursiva (ALÓS, 2012). Pelo fato de Orlandi analisar a ideia de ideologia na língua, isso possibilita que ela mobilize uma discussão acerca das bases fundadoras da AD, visto que isso se torna primordial para entender como a ideologia está introduzida na área discursiva: seja Linguística, o Marxismo e a Psicanálise (ALÓS, 2012).

Além do mais, a autora Bethania Mariani afirma que o campo de conhecimento que a AD atua se torna algo complexo, já que engloba uma discussão sobre a entrada no simbólico e a inevitabilidade da interpretação. Assim, é preciso saber separar o discurso da “fala”, pois “o discurso não corresponde à noção de fala, pois não se trata de opô-lo à língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes, sendo o discurso,

como a fala, apenas uma sua ocorrência casual” (MARIANI, 2000, p. 214). Por isso, “a Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido” (ORLANDI, 1999, p. 26).

Apesar de o trabalho ter como base o livro LXVIII da *História Romana*, alguns trechos do livro LXVII podem ser mencionados. Posto isto, o Senado romano não ficou confortável com a aliança feita entre Domiciano e Decébalos. Esse descontentamento se dá pelo fato de o pacto entre os soberanos ter acontecido de uma submissão do *Princeps* às diretrizes do rei Dácio, que culminou no fortalecimento da economia dáica, e nas reparações de estruturas defensivas e consolidação, indiretamente, de seu poderio bélico que, logo mais, poderia ser usado contra Roma. É válido ressaltar que devido ao fato de Trajano ter tido uma carreira militar, ele sabia que a vitória de uma guerra proporcionava um bom testemunho. Assim, a insatisfação do Senado romano e o desejo deste imperador impulsionou Roma a lançar uma incursão na Dácia para pôr um fim no trato que danificava a economia romana:

Depois de passar algum tempo em Roma, ele fez uma campanha contra os dáicos; pois ele levou em consideração seus feitos passados e se entristeceu com a quantia de dinheiro que recebiam anualmente, e também observou que seu poder e orgulho estavam aumentando. Decébalos, sabendo de seu avanço, assustou-se, pois sabia muito bem que antes não eram os romanos que ele havia conquistado, mas Domiciano, ao passo que agora lutaria contra os romanos e contra o imperador Trajano (Cass. *Hist. Rom.* 68. 6. 2. Nossa tradução)<sup>5</sup>.

Conforme o trecho reportado, o historiador destaca que a marcha de Trajano com seu exército em direção a Dacia deixou Decébalos atemorizado, pois os romanos não aceitavam tal acordo mencionado que favorecia o Estado dáico. Deste modo, a descrição de Cássio acaba gerando uma imagem ambiciosa do rei Dácio, em outras palavras, Decébalos soube enfraquecer seu adversário – levando em consideração as imposições relatadas –, além disso, tirou proveito da situação para fortalecer sua soberania.

Nesse sentido, no livro LXVIII, embora Cássio louve a figura de Trajano (sua ascensão ao trono; suas qualidades particulares e habilidades militares; suas incursões na Dácia (101-106 d.C.); suas conquistas militares e políticas após a anexação do território dáico), o historiador

---

<sup>5</sup> After spending some time in Rome he made a campaign against the Dacians; for he took into account their past deeds and was grieved at the amount of money they were receiving annually, and he also observed that their power and their pride were increasing. Decebalus, learning of his advance, became frightened, since he well knew that on the former occasion it was not the Romans that he had conquered, but Domitian, whereas now he would be fighting against both Romans and Trajan, the emperor (Cass. *Hist. Rom.* 68. 6. 2. Trad. Earnest Cary).

não desvaloriza a cultura dácica. Todavia, ele apresenta o rei Decébalos como um recurso retórico que serve para engrandecer a coragem de Trajano, concomitantemente que destaca a alteridade do rei dácio, sobretudo de sua comunidade, claramente anunciada como “bárbara”. Contudo, tal concepção ocorre de forma sofisticada: os dácios, especialmente Decébalos, não são somente apresentados de maneira desmoralizada ou inferior, da forma como é mais evidenciado em uma longa tradição grega de representação da *barbárie*. Portanto, embora Cássio se refira aos dácios como bárbaros, não é no mesmo sentido como eles são retratados na fonte material, especificamente nas imagens da Coluna, onde é possível identificar uma narrativa binária, ratificando apenas a selvageria, desumanidade e perversidade dos bárbaros.

Quando Trajano, em sua campanha contra os dácios, se aproximou de Tapae, onde os bárbaros estavam acampados, um grande cogumelo foi trazido a ele, no qual estava escrito em caracteres latinos uma mensagem no sentido de que Buri e outros aliados aconselharam Trajano a voltar e manter a paz. No entanto, ele enfrentou o inimigo e viu muitos feridos em seu próprio lado e matou muitos deles (Cass. *Hist. Rom.* 68. 8. 1-2. Nossa tradução)<sup>6</sup>.

De acordo com o excerto, os dácios, tidos como bárbaros, enviaram um cogumelo a Trajano com uma mensagem escrita em latim. Diante disso, é válido ressaltar que Cássio pontua essa observação propositalmente, a fim de reforçar que os dácios compreendiam e dominavam o latim não apenas falado, bem como sua escrita – mesmo que ela esteja inserida em um modo caracteristicamente dácico (em um cogumelo). Todavia, o cogumelo refere-se a um elemento de alteridade que, como dito anteriormente, é arquitetado de modo nuançado que salienta as qualidades dácicas. Assim, a narrativa de Cássio fortalece que o termo “bárbaro” declarado por ele não é pejorativo, no entanto, a cultura e as práticas dácicas tornam eles diferentes dos romanos, mesmo que ainda conheçam alguns fatores da cultura romana como o idioma.

É possível identificar as atribuições que Cássio faz a Decébalos, reconhecendo e elogiando suas habilidades militares, visto que o considera astuto por saber promover a guerra. Isso contrasta com a forma que o rei é reconhecido nas cenas da Coluna, como medroso que se esconde do combate:

Nesta época os romanos se envolveram em uma guerra muito séria com os dácios, cujo rei era então Decébalos. Este homem era perspicaz em sua compreensão da guerra e perspicaz também na guerra; ele julgou bem quando atacar e escolheu o momento certo para recuar; era especialista em emboscadas e mestre em batalhas campais; e sabia não apenas acompanhar bem uma vitória, mas também administrar bem uma derrota. Por

---

<sup>6</sup> When Trajan in his campaign against the Dacians had drawn near Tapae, where the barbarians were encamped, a large mushroom was brought to him on which was written in Latin characters a message to the effect that the Buri and other allies advised Trajan to turn back and keep the peace. Nevertheless he engaged the foe, and saw many wounded on his own side and killed many of the enemy (Cass. *Hist. Rom.* 68. 8. 1-2. Trad. Earnest Cary).

isso ele se mostrou um antagonista digno dos romanos por muito tempo (Cass. *Hist. Rom.* 67. 6. 1. Nossa tradução)<sup>7</sup>.

No fragmento acima, o rei Dácio é caracterizado com um espírito de sagacidade. Muito mais do que fazer acontecer a guerra, Decébalos também se comportava como um líder honesto, pois sabia lidar com a derrota, situação bem distinta quando analisada na cultura material. Desse modo, os escritos de Southern corroboram com o que Cássio enfatiza acerca da natureza militar de Decébalos, já que até para ascender ao trono dácio, este soberano teve que lidar com a guerra, sobretudo triunfando sobre o exército de Cornélio Fusco, um general romano (SOUTHERN, 1997, p. 98).

Para Andrea Rossi, as “construções feitas para a retratação das Guerras Dácicas, sob Trajano, pode-se perceber esta dicotomia construída claramente tanto na literatura como na fonte arqueológica analisada: Trajano Bom Governante/Decébalos Tirano” (ROSSI, 2012, p. 4). Baseado na fala da autora, é relevante pontuar uma observação, apesar de Cássio ter sido envolvido pela ideologia senatorial (GAIA, 2020, p. 178) e engrandecer as façanhas de Trajano, o historiador não impõe em Decébalos apenas uma visão negativa como um tirano, contudo, o reconhece como um inimigo digno de enfrentar os romanos: perspicaz, sábio e um exímio estrategista de guerra, além de possuir virtudes ao seu jeito bárbaro. Com isso, em seguida, analisaremos um trecho que certifica a astúcia do rei dácio destacada por Cássio durante o evento relatado:

Decébalos então enviou um convite a Longinus, um líder do exército romano que havia se tornado um terror para o rei nas guerras, e o persuadiu a encontrá-lo, sob o pretexto de que ele faria o que fosse exigido. Ele então o prendeu e o questionou publicamente sobre os planos de Trajano, e quando Longino se recusou a admitir qualquer coisa, ele o levou sob guarda, embora não por grilhões. E enviando um enviado a Trajano, ele [Decébalos] pediu que ele pudesse receber de volta seu território até o Ister e ser indenizado por todo o dinheiro que gastou na guerra, em troca de devolver Longino a ele. Uma resposta ambígua foi devolvida, de tal natureza que não fez com que Decébalos acreditasse que Trajano considerava Longino tanto de grande importância quanto de pouca importância, sendo o objetivo evitar que ele fosse destruído, por um lado, ou preservado para em termos excessivos, por outro (Cass. *Hist. Rom.* 68. 12. 1. Nossa tradução)<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> At this time the Romans engaged in a very heated war with the Dacians, whose king was then Decebalus. This man was shrewd in his understanding of war and shrewd in war as well; he judged well when to attack and chose the right moment to retreat; he was an ambush specialist and a master of pitched battles; and he knew how not only to follow a victory well, but also to manage a defeat well. So he proved himself a worthy antagonist to the Romans for a long time (Cass. *Hist. Rom.* 67. 6. 1. Trad. Earnest Cary).

<sup>8</sup> Decebalus then sent an invitation to Longinus, a leader of the Roman army who had made himself a terror to the king in the wars, and persuaded him to meet him, on the pretext that he would do whatever should be demanded. He then arrested him and questioned him publicly about Trajan's plans, and when Longinus refused to admit anything, he took him about with him under guard, though not in bonds. And sending an envoy to Trajan, he asked that he might receive back his territory as far as the Ister and be indemnified for all the money he had spent on the

Pela leitura do trecho, devido ao fato de Decébalos ter experiência na guerra e conhecer a intenção do seu adversário, Trajano, prendeu Longino e o questionou a respeito das estratégias do imperador romano. Contudo, de início, aparentemente o contato entre as partes parecia que aconteceria normalmente para negociar o cessar dos conflitos e propor um tratado entre eles. Assim, quando Cássio narra o plano que Decébalos utilizou para prender Longino, ele está enfatizando a habilidade de emboscada do rei Dácio, com isso, reafirmando-o como um especialista em armadilha e sagaz na guerra. Além disso, o historiador também ressalta a astúcia de Trajano, quando o *Princeps* utiliza seu talento para confundir o rei Dácio com seu comportamento. Ou seja, a obra de Cássio não menospreza um líder para vangloriar o outro, pelo contrário, sua narrativa faz questão de acentuar as particularidades de cada um deles, possibilitando ao leitor fazer uma comparação entre as habilidades dos líderes supracitados. Embora alguns autores imponham sobre Decébalos apenas uma visão negativa, como vimos na fala de Rossi, isso não acontece nos discursos de Cássio, visto que o historiador salienta algumas virtudes do rei Dácio para enaltecer ainda mais a figura de Trajano. Isto é, enquanto Cássio destaca a figura de Decébalos como um inimigo difícil e digno de ser derrotado, mais valor ele atribui ao triunfo de Trajano.

É interessante ressaltar que a *História Romana* de Dião Cássio não contemplava a grande parte da sociedade, sobretudo as províncias, mas sim um grupo beneficiado de indivíduos, pois, segundo Rossi, “a propaganda via obra literária tinha endereço certo: a elite política romana, formadora da opinião pública numa sociedade patrimonialista, marcada por relações de clientelismo e escravistas” (ROSSI, 2012, p. 5). Não obstante, a referida obra possibilitou que o Principado de Trajano fosse moldado e consolidado positivamente na memória romana, principalmente no meio senatorial. Sendo assim, Cássio não vê necessidade em menosprezar o rei Decébalos, e também os dácios, para exaltar as qualidades, conquistas e o governo de Trajano. Afinal, quando ele destaca as habilidades daquele soberano, automaticamente promove o sucesso de Trajano.

---

war, in return for restoring Longinus to him. An ambiguous answer was returned, of such a nature as not to cause Decebalus to believe that Trajan regarded Longinus as either of great importance or yet of slight importance, the object being to prevent his being destroyed, on the one hand, or being preserved to them on excessive terms, on the other (Cass. *Hist. Rom.* 68. 12. 1. Trad. Earnest Cary).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decébalos ocupava um considerável espaço no complexo de representações de documentos romanos, tanto textuais quanto materiais nos séculos II-III d.C. Sendo assim, este artigo procurou, baseado na perspectiva teórica de Marc Augé, refletir as narrativas iconográficas e literárias em relação ao rei Dácio como resultado de um método de concepção de alteridades. Dessa forma, Augé disserta que a identidade é formada a partir de elementos relativos por meio de alteridades mediadoras (AUGÉ, 1998). Portanto, as identidades se afirmam e são concebidas através das alteridades (SOARES, 2011).

A Coluna está inserida no imaginário coletivo, propondo-lhe uma leitura dos episódios, já que se baseia em uma imaginação partilhada, como o mito (PEIXOTO; GOLOBOVANTE, 2002). Pertinente a isto, o imperador Romano partilha sua versão das incursões na Dácia como se fosse um mito, ou seja, ele propaga um testemunho que o coloca como herói em relação ao vilão que provém da selvageria, Decébalos. É válido ressaltar que, em relação a *Coluna de Trajano*, há uma questão de alteridade bem evidente nesse monumento, pois ela destaca Trajano em algumas cenas dos frisos com particularidades que o divergem do rei dácio, tanto como governante quanto militar. Ademais, apesar do historiador apontar Decébalos como um rei bárbaro, Cássio em nenhum momento o desvaloriza, pelo contrário, da forma que enaltece as habilidades de Trajano assim o faz ao rei dácio, isto é, o valoriza empregando elementos retóricos. Nos escritos de Cássio, Decébalos não possui nenhum traço de covardia, diferentemente de como é retratado nas cenas da Coluna. Portanto, na historiografia romana, há um objetivo de esboçar uma ideia de veracidade e soberania a respeito do monarca dácio, ao mesmo tempo em que Cássio louva o Principado e a figura de Trajano. Já nos episódios da Coluna, Trajano não permite que as qualidades de seu inimigo, Decébalos, sejam reconhecidas, afinal, destacar somente sua imagem lhe proporciona mais glória do que se tivesse que partilhar a glória com outro soberano.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

CASSIUS, Dio. **Roman History**. Trad. Earnest Cary. Cambridge/Harvard University Press: Loeb Classical Library, 1925. Vol. VIII.

ULRICH, Roger B. **Trajan's Column – online database**, 2013. Repositório digital sobre a Coluna de Trajano. Disponível em: <<http://www.trajans-column.org/>>. Acesso em: 03 fev. 2023.

### Referência bibliográfica

ALÓS, Anselmo Peres. **ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. Ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p. Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, n. 15/3 (esp), p. 389-394, dez. 2012.

AUGÉ, Marc. **La guerra de los sueños: ejercicios de etno-ficción**. Tradução de Alberto Luis Bixio – 2. ed. Barcelona: Editorial Gedisa, 1998.

BOARDMAN, John; GRIFFIN, Jasper, MURRAY, Oswyn. **The Oxford History of the Roman World**. Oxford University Press, 2001.

CASIMIRO, Luís Alberto E. S. O método iconográfico e sua aplicação na análise da fachada da Igreja da Madre de Deus em Macau. *In*: HERNÁNDEZ, M.H.O., and LINS, E.Á., eds. **Iconografia: pesquisa e aplicação em estudos de Artes Visuais, Arquitetura e Design** [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 18-39.

CICHORIUS, Conrad. **Die Reliefs der Trajanssilule**. Berlim, 1896.

COARELLI, Filippo. **The Column of Trajan**. Rome, 2000.

ESTEVES, Anderson Martins. Díon Cássio: um historiador no reino de ferro. *In*: RODRIGUES JR, Fernando; SILVA, Bárbara da Costa e; SEBASTIANI, Breno Battistin (coords.). **Problemas de Historiografia Helenística**. Imprensa da Universidade de Coimbra., 2019. p. 193-207.

GAIA, Deivid Valério. Os Antoninos: o apogeu e o fim da Pax Romana. *In*: DE OLIVEIRA, José Luís Brandão Francisco (coord.). **História de Roma Antiga: volume II Império Romano do ocidente e romanidade hispânica**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020. p. 175-215.

LANCASTER, Lynne. Building Trajan's Column. **American Journal of Archaeology** 103. 1999, p. 413-439.

LEHMANN Hartleben, K. **Die Trajanssaule**. Berlim, 1926.

MARIANI, Bethania. ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do discurso – princípios e procedimentos. Campinas, Pontes, 1999. 100p. **Rev. Anpoll**, 2000, p. 213-219.

MARIN, Louis; PORTER, Catherine. **On Representation**. Stanford University Press, 2001, p. 219-235.

MARTINES, Giangiacomo. Appunti sulla Colonna Traiana: guasti e patine. **Ricerche di Storia dell'arte**. 1980, p. 56-62.

MARTINES, Giangiacomo. 'L'architettura'. In: Scheid, J. e Huet, V. (ed.), **La Colonne Aurélienne. Autour de la Colonne Aurélienne. Geste et image sur la Colonne de Marc Aurèle à Rome**, Turnhout, Brepols Publishers, 2000. p. 19-88.

MOLINA, David Soria. **Las guerras dácicas de Trajano: antecedentes, desarrollo, Geopolítica, estrategia e consecuencias**. Murcia: Facultad de Letras, 2016.

MOLIN, Michel. Biographie de l'historien Cassius Dion. In: Valérie Fromentin et al. (eds.), **Cassius Dion: nouvelles lectures**. Bordeaux, 2016, p. 441-446.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PANOFSKY, Erwin. **O significado nas artes visuais**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

PEIXOTO, Elane; GOLOBOVANTE, Maria da Conceição. **Entrevista inédita com o antropólogo Marc Augé: conceitos e apresentação audiovisual**. Trabalho a ser apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação e Culturas Urbanas, 2002, p. 1-15.

PORTAL, Maria da Glória Alves. Alguns pontos controvertidos em torno da Coluna Trajana. Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História – ANPUH, 4., 1967, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre, p. 329-339.

REINACH, Salomon. **La Colonne Trajane au Musée de Saint-Germain**, Paris, 1886.

ROSSI, Andrea L. D. O. C. As Guerras Dácicas: uma leitura das fontes textuais e da Coluna de Trajano (101 d.C. – 113 d.C.). In: FUNARI, Pedro Paulo; CARVALHO, Margarida Maria et alii (org.). **História militar do Mundo Antigo**. São Paulo, Editora AnnaBlume, 2012.

SOARES, Bruno Bulon. Carnaval e carnavalização: algumas considerações sobre ritos e identidades. **Desigualdade & Diversidade** – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, 2011, p. 127-148..

SOUTHERN, Pat. **Domitian**. Tragic Tyrant, Londres y New York, 1997.

STRONG, Eugenia. **La scultura romana da Augusto a Costantino**, Florença, 1926.